



ISSN: 2595-5713
Vol. 2 | N°. 3 | Ano 2019

Etelvino Manuel Raúl Guila

A REPRESENTAÇÃO DAS VIVÊNCIAS DE UM POVO EM A INVENÇÃO DO CEMITÉRIO DE PEDRO PEREIRA LOPES

THE REPRESENTATION OF A PEOPLE'S EXPERIENCES IN
INVENT OF PEDRO PEREIRA LOPES CEMETERY

RESUMO: No presente texto busca-se fazer uma reflexão sobre a realidade retratada na obra intitulada “a invenção do cemitério” do escritor Pedro Pereira Lopes, lançada no presente ano de 2019, no Brasil, que com recurso a imaginação, fantasia e uma retórica específica, alude à realidade e a história do povo moçambicano. Para tanto, faz-se o mapeamento das relações dialógicas estabelecidas entre os sujeitos socialmente situados, representados pelos inúmeros personagens, que contracenam nos catorze contos que compõem a obra em questão, bem como dos valores que se destacam dessas relações. Fica evidente nas narrativas que constituem a obra o retrato de vários momentos do percurso histórico da jovem nação africana, com destaque para os diversos fenômenos de índole social e político que enfermaram ou enfermam a sociedade moçambicana: a guerra, a mendicância, a corrupção, a injustiça, entre outros; para além dos aspectos que se destacam neste povo: a coragem, a resiliência, a esperança e a humildade.

Palavras-Chave: Relações Dialógicas; Alusão; Povo Moçambicano.

ABSTRACT: This text seeks to reflect on the reality portrayed in the work entitled “the invention of the cemetery” by the writer Pedro Pereira Lopes, launched in the present year of 2019, in Brazil, which uses imagination, fantasy and specific rhetoric, alludes to the reality and history of the Mozambican people. To this end, the dialogical relationships established between the socially situated subjects are represented, represented by the innumerable characters that contrast in the fourteen short stories that make up the work in question, as well as the values that stand out from these relationships. It is evident in the narratives that make up the work the portrait of various moments of the historical course of the young African nation, highlighting the various social and political phenomena that have affected or sickened Mozambican society: war, begging, corruption, injustice, among others; beyond the aspects that stand out in this people: courage, resilience, hope and humility.

Key words: Dialogical Relation; Allusion; Mozambican People.

Site/Contato

Editor

Ivaldo Marciano de França Lima
ivaldomarciano@gmail.com

A REPRESENTAÇÃO DAS VIVÊNCIAS DE UM POVO EM A INVENÇÃO DO CEMITÉRIO DE PEDRO PEREIRA LOPES

Etelvino Manuel Raúl Guila¹

Palavras prévias

A vida em sociedade é feita de relações dialógicas, posto que o ser humano, por natureza, é um ser interdependente, que precisa dos outros para a sua construção ou da sua individualidade. Assim sendo, dessas interações sociais e das múltiplas conexões que vai estabelecendo, várias são as experiências singulares que sobressaem e marcam a sua trajetória como sujeito inserido em uma sociedade específica.

No presente texto buscamos trazer a superfície um conjunto de relações dialógicas, de vivências, de interações destacadas na obra *A invenção de cemitério* da autoria do escritor moçambicano Pedro Pereira Lopes, um dos escritores da nova onda de jovens escritores da pérola de Índico, a par de Lucílio Manjate, Mauro Brito, Celso Cossa, Ernestino Maúte, entre outros.

Embora estejamos cientes que se trata de uma obra de ficção, em que reina a fantasia e a imaginação, julgamos que toda a obra alude a uma realidade específica e, neste caso específico, a obra em questão faz alusão à realidade moçambicana, retratando um conjunto de situações de interação dos agentes sociais dessa sociedade. Ademais, Saraiva e Lopes (1989, p.7) sobre o texto literário, alargam o nosso entendimento ao afirmarem que

uma obra pode considerar-se literária na medida em que, para além do pensamento lógico, discursivo, abstractamente conceptual, adequado a problemas científicos, filosóficos, ou, em geral, doutrinários, empenhar e reelaborar os impulsos e os recursos comunicativos menos conscientes, os gostos, atitudes e valores que se enraízam através do aprendizado, decisivamente formativo, da língua materna e de uma dada vida social.

Destaca-se nas palavras dos autores que o texto literário mesmo se constituindo um texto ficcional é um importante veículo de informação diversa, podendo retratar a vida de homens e mulheres, evidenciando suas emoções, suas ações, suas convicções e demais aspectos que marcam a interação de sujeitos socialmente situados, num determinado tempo e espaço. *A*

¹ Mestre em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina (Brasil), doutorando na mesma instituição, bolsista Capes. Docente da Universidade Eduardo Mondlane (Moçambique), atuando na área de Didática e Práticas pedagógicas, coordenador de Estágio Supervisionado, Membro de: Núcleo de Estudos e Pesquisa em Alfabetização e Ensino de Língua Portuguesa (NEPALP), do Conselho editorial do Boletim Abiodum e do grupo de pesquisa em literatura Infantil e juvenil e práticas de mediação literária (LITERALISE). Email: etelvino.guila@gmail.com

invenção do cemitério, obra literária de base para a nossa criação escrita, trata-se de um livro publicado no Brasil, São Paulo, pela editora Desconcertos, no presente ano de 2019; conta com a edição de Claudinei Vieira e a capa de Mélio Tinga por sobre máscara e arte de Mudungaze Dinguiraye.

É de ressaltar que dada as suas especificidades se trata de uma obra sugestiva para indivíduos com conhecimentos sólidos da escrita e que requerem ter uma ideia de alguns fatos que marcam a trajetória histórica e realidade quotidiana, da jovem nação moçambicana, mesmo sendo um recorte. Constitui nosso objetivo último fazer uma reflexão sobre a realidade aludida na obra em referência, com particular realce para a análise do conteúdo dos contos que dão corpo ao livro, visando estabelecer uma relação entre os fatos narrados e as singularidades que se destacam na trajetória histórica do povo moçambicano.

Para materializar a nossa intenção partimos da apresentação percurso já percorrido pelo autor, evidenciando a vida e obra do autor. Na sequência, fazemos a análise dos contos, centrada no conteúdo abordado nos mesmos, destacando os aspectos que se evidenciam, não ignorando os aspetos relacionados com a forma. Portanto, como corolário das atividades anteriores sistematizamos os fenômenos e os aspectos que se destacam no texto e que aludem à realidade do povo moçambicano.

Notas da trajetória do autor

O escritor moçambicano Pedro Pereira Lopes nasceu na província de Zambézia, uma das províncias do centro de Moçambique, no ano de 1987. Possui uma graduação em Administração pelo Ex-Instituto Superior de Relações Internacionais em Maputo (Moçambique), atualmente Universidade Joaquim Chissano e mestrado em Políticas Públicas pela Escola de Governação da Universidade de Pequim (China) e é professor e pesquisador na universidade onde frequentou a graduação e é membro da Associação dos Escritores Moçambicanos.

Pedro escreve, para além de contos, poesia, relatos de viagens, ensaios e publicou um romance. É de referir que é um dos escritores da nova geração, que possui um conjunto de livros que tem como receptores o público infantil e juvenil, fato a ser enaltecido se tivermos em linha de conta que pouca literatura escrita por moçambicanos, especificamente para este público, existe no acervo de obras que circulam em Moçambique.

O escritor tem vários títulos publicados, sendo obras grandemente para infância e juventude, paulatinamente, adentrando para escrita de obras para adultos. Para infância e juventude destacam-se *O homem dos 7 cabelos* (2012), *Kanova e o segredo da caveira* (Maputo, 2013), *Viagem pelo mundo num grão de pólen e outros poemas* (Maputo, 2012), *A história do*

João Gala-Gala (2017); e, para o público adulto, *O mundo que iremos gaguejar de cor* (2017); dois deles publicados no Brasil: *Kanova e o segredo da caveira* (São Paulo, 2017), *Viagem pelo mundo num grão de pólen e outros poemas* (São Paulo, 2014), ambos pela editora Kapulana e o romance *Mundo grave* (2018), publicado em Portugal.

O autor é um dos escritores jovens moçambicanos mais destacados, se tivermos em linha de conta que em 2010 com a obra *O homem dos 7 cabelos* foi atribuído o prêmio Lusofonia; em 2015, o seu livro *Viagem pelo mundo num grão de pólen e outros poemas* foi selecionado pela web-revista **Kids Indoors** como o livro para férias; em 2016 foi galardoado com o prêmio Maria Odete de Jesus, com a obra *o Combio que andava de chinelos* e foi menção honrosa ao prêmio Eduardo Costley White com a coletânea de contos *O mundo que iremos gaguejar de cor*; em 2017 a obra *Kanova e o segredo da caveira* é recomendada do Plano Nacional de Leitura, de Portugal e, no mesmo ano, conquista o prêmio literário INCM/ Eugénio Lisboa com o romance *Mundo grave*.

É de salientar que Pedro tem vários títulos publicados em três países de expressão portuguesa, tal é o caso do seu país de origem, Brasil e Portugal. Ademais, é de salientar que parte considerável do conjunto de obras que perfazem o seu acervo são destinados ao público infantil e juvenil, sendo que as obras destinadas para o público adulto são: *O mundo que iremos gaguejar de cor* (2017) e *a invenção do cemitério* (2019), em que retrata temas de cunho social.

A par do exposto anteriormente temos a ressaltar que em 2019, em São Paulo, Brasil, foi-lhe atribuído o prêmio de “African Writer Excellence Award”, pela sua produção literária e contribuição na divulgação do pensamento africano.

Olhando as vivências do povo na obra

Antes de adentrar na abordagem das vivências salientes no livro, é primordial dizer que estruturalmente o livro em enfoque é constituído por vários contos – num total de 14 –, na sua maioria com quatro a cinco páginas, que propiciam uma leitura rápida; e organizados num conjunto de 124 páginas. Para além das páginas precedentemente avançadas, há que destacar que constam do livro duas referentes ao glossário, em que se apresenta a explicitação de alguns termos ou vocábulos marcadamente moçambicanos ou do português falado em Moçambique, que ocorrem nos vários textos que constam da obra, dentre eles nomes próprios e comuns, bem como alguns advérbios e algumas siglas, nomeadamente: *machimbombo*, *matabicho*, *monhés*, *m'siro*, *capulana*, *maningue*, SNASP, PIDE, etc.

A par da estruturação da obra, cabe salientar que esta apresenta quanto à escrita uma singularidade, ao não trazer iniciais maiúsculas no início dos títulos, parágrafos e períodos,

conforme prescrevem as regras gramaticais de uso de maiúsculas, também acontecendo com os nomes próprios *malangatana*, *sebastião*, *boas-vindas*, *parafino*, etc., tal como ilustram os exemplos:

- (i)“Fazia muito calor, malangatana debatia-se no leito como se procurasse por algo, procurava o sono, mas este escapava-lhe (...)”. (p. 11)
- (ii)“Malangatana lembrou-se da época em que aquela clareira era verde e alegre. fora ali, que algumas vezes, ele e os outros mufanas vigiaram os céus.” (p. 13)
- (iii)“Malangatana passou a mão pelo cabelo crespo do rapaz e disse, (...)”. (p. 15)
- (iv)“Sebastião estava leve. Os olhos, ensonados, tremiam dentro de duas penetrantes olheiras. Os ombros arqueados e o cabelo esquadelhado intimidaram boas-vindas, que o filho não reconhecia.” (p. 21)
- (v)“O que seria do sebastião, se fenias chegasse embriagado naquela noite?” (p. 21)
- (vi)“Boas-vindas debatia-se, berrava, mas ninguém acudia a pobrezinha” (p. 24)
- (vii)“Parafino tem mesmo de dormir em casa. Os irmãos e a mãe, pobrezinhos, esperam-no em jejum. Ainda que pouco, a nota de 200 servirá muito, na manhã seguinte. Há dias que aquelas bocas não comiam” (p. 37)
- (viii)“Os homens acercar-se de parafino, apalpam-no, pedem para que mostre o conteúdo dos bolsos. Parafino fá-lo, os agentes afastam-se, está limpo” (p. 39).

Evidencia-se também, nos textos, que o autor não delimita o fim dos parágrafos com ponto final, demarcando apenas o fim dos períodos. Assim sendo, a sua leitura é desafiadora e instigante, para além de requer uma atenção constante para identificação das personagens, ponderando que não estão destacadas com recurso a iniciais maiúsculas, bem como o fato de alguns nomes não serem habituais no seio da sociedade moçambicana: quinze-dias, mundogara, eunito, mukungo, portasio, etc.

A omissão de ponto parágrafo e de palavras com iniciais apresenta-se como uma forma que subverte a lógica da gramática normativa. No entanto, esta postura assumida pelo autor traz uma singularidade à obra, uma forma de escrita diferenciada, que exige do receptor-leitor maior grau de exigência na reconstrução do universo imaginário apresentado no texto.

Na obra em referência, com recurso a imaginação e a fantasia, o autor busca fazer uma alusão à realidade moçambicana, com destaque das interações das suas gentes, trazendo um conjunto de episódios do cotidiano, que se circunscrevem ao contexto do país africano, banhado pelas águas quentes do canal de Moçambique, como sustentam as passagens:

- i. “O machimbombo² não faz caso do seu atraso, mexe-se na terra poeirenta, assim, cheio de preguiça como um traseiro farto. A sua desesperança cresce, a noite há muito que caiu, pintando o céu com um negro bem-parecido, sem traços nenhuns da lua. Não pode chegar depois das 9, sabe-o bem, a partir das 9:30, a polícia comunitária inicia a ronda nos bairros” (p. 37)

² Termo usado no português falado em Moçambique para designar o ônibus.

- ii. “O machimbombo começa a apinhar-se de gente. Erro o troco de um mufana³ que me mira com fúria: ‘me faltam os trocos! Não chega o governo que me rouba’” (p. 48)

As duas transcrições destacam fatos que nos remetem à realidade de muitos lugares de Moçambique. Na primeira situação, temos um recorte de um cenário que tem a ver com fatos que vem decorrendo em alguns bairros das cidades, vilas e localidades, decorrente da situação de criminalidade e deficiente cobertura policial, ao que os cidadãos se organizam para fazer o patrulhamento comunitário, certamente com alguma parceria com a polícia de proteção pública. Na segunda, temos um retrato da problemática do transporte público, em que o transporte de passageiro é feito em ônibus superlotados. Em paralelo, destaca-se um discurso comum no seio dos cidadãos, em grandes aglomerados populacionais “não chega o governo que me rouba”, mostrando um descontentamento com a gestão da máquina pública.

Evidentemente, na sua explanação, o autor apresenta-nos vários contextos situacionais que nos remetem aos acontecimentos, às interações sociais e às vivências do povo moçambicano, em inúmeros momentos da sua trajetória social, desde os primeiros anos da criação da jovem nação aos dias de hoje, fazendo menção a uma realidade impactante das relações estabelecidas no dia a dia.

No conjunto de contos, que constituem a obra literária em alusão, são abordados de forma ficcionada vários assuntos, sendo, no entanto, todos eles relacionados com o dia a dia de um povo, o moçambicano. Sobressaem das pequenas narrativas, que corporizam a obra, temáticas relacionadas com a reflexão sobre a essência das coisas; o respeito pela família e pelos pais; a coragem, a indignação, a mendicidade, a privação de liberdade; o desemprego e a desconsideração de uma profissão humilde; a religiosidade e a propensão para fazer o mal; a decadência da vida a dois e as consequências da guerra.

A reflexão sobre a essência das coisas percorre parte considerável dos contos, dentre eles no conto de *onde vem a alma das coisas*, que o autor nos apresenta uma narrativa que gira em torno de dois personagens, *malangatana* (escultor e artista plástico) e o *mufana*, o aprendiz. A interação entre ambos decorre no processo de escolha de um tronco, que tenha alma, para fazer uma escultura, nas matas de *matalane*, região situada na província de Maputo, extremo sul do país. A trama dos personagens foca-se na explicitação, por parte do mestre, quando é que se assume que o tronco tem alma.

Na visão do escultor, o tronco tem alma a partir do momento em que ela coloca a sua opinião ao que deverá ser feito dela, ou seja, a ação a ser levada a cabo pelo escultor é condicionada pelas especificidades do tronco, como podemos constatar da passagem:

³ Jovem

- iii. ‘é assim mufana’, disse o criador com os olhos cheios de um amor fiel, ‘há sempre uma emoção que liga o artista à obra. A natureza tem voz. Uma tela ou tronco, por exemplo, eles têm opinião no que se vai fazer. Não depende só do artista, depende também deles!... É por isso que eles têm alma’ (p. 15).

O conto leva-nos a refletir sobre a essência das coisas, bem como a pensarmos na lógica das ações que realizamos no dia a dia. Nesse enfoque, o texto em referência, encerra com uma questão colocada pelo *mufana* “vovô malangatana, de onde vem a alma das coisas?” Ao terminar com uma interrogação, uma pergunta retórica, coloca o leitor numa introspeção, quase que inevitavelmente, representando a busca incessante que temos como sujeitos, pelas de explicações das coisas com as quais convivemos todos os dias.

No que tange ao respeito pela família e pelos pais a representatividade centra-se no conto “reza as tuas orações todos os dias”, que retrata as peripécias ocorridas no seio de uma família constituída por quatro elementos: os pais *fenias* e *boas-vindas* e os filhos *Rita* e *Sebastião*. O filho do casal era motivo de desgosto para o mesmo, por não lhes dar ouvidos, isto é, não seguir as orientações e os ensinamentos dos pais, como atesta a passagem:

- iv. Sebastião estava leve. Os olhos, ensonados, tremiam dentro de duas penetrantes olheiras. Os ombros arqueados e o cabelo esguedelhado intimidaram boas-vindas, que o filho não reconhecia. Sebastião cruzou a cozinha sem um pingo de respeito, movendo-se em passos demorados, deixando um rasto de poeira no soalho luzente. ‘Esse não é o meu Sebastião’, disse boas-vindas para si, com um olhar angustiado (p. 21).

A situação de desrespeito evidenciada pelo filho do casal cria descontentamento no seio familiar, mais evidenciado pela reação do pai, que o leva a proferir, quase sempre, para a esposa as palavras que dão título ao conto “reza as tuas orações todos os dias”, de modo que nada de mal aconteça com o filho. A interação familiar termina com a prisão do filho e encaminhamento deste para a operação produção⁴, circunstância que cria um descontentamento generalizado na família.

Na abordagem feita no conto precedentemente referido destaca-se a religião, a crença numa força divina para interceder pela família, fato recorrente em muitas famílias moçambicanas e a necessidade de respeitar os pais e os mais velhos, postura que caracteriza a convivência saudável entre os membros de uma família. Também deriva desta situação a necessidade do respeito pelo outro, decorrente do fato de sermos sujeitos inacabados, em busca de completude e

⁴ Programa introduzido pelo Governo de Moçambique, liderado pelo presidente Marechal Samora Moisés Machel, no pretérito ano de 1983, com o objetivo de retirar da sociedade, das cidades e vilas os indivíduos desempregados, considerados “improdutivos”, “marginais” e não alinhados com as ideologias política e de governo vigente na altura, mandando-os para os diferentes campos de reeducação, que existiam pelo país.

só nos constituímos na interação com o outro (BAKHTIN, 2011) e dessas interações estabelecermos vínculos culturais e as relações sociais, que nos impelem a interdependência.

Aliás, conforme nos lembra Gimeno (2002, p. 104):

(...) na necessidade das relações com os outros está a origem de constituirmos redes sociais de diversos tipos nas diversas circunstâncias e ambientes pelos quais transitamos, de forma de que sempre estamos imersos em uma trama ou rede progressivamente complexa de interdependências.

Portanto, o ser humano é um ser de relações, que inexoravelmente precisa de viver com os outros; é da vivência com os outros que vai desenvolvendo a sua individualidade. Retomando a *invenção do cemitério*, do livro ressaltam alguns fatos e qualidades que sobressaem da interação entre os sujeitos, tal é o caso da coragem, a indignância, a mendicidade, a privação de liberdade, que estão presentes em alguns contos, mas é em *uma noite na cela* e em *mendigo do sol*, que mais se evidenciam, com particular destaque.

A primeira narrativa traz acontecimentos que retratam uma situação vivida por um personagem, o *parafino*, um jovem que fora encontrado durante a noite, voltando da casa de uma tia, pelos agentes da polícia comunitária, entidades que patrulhavam a região próxima da casa deste. Interpelado pelas entidades policiais fora questionado se trazia bilhete de identidade, sendo que este não o trazia consigo. Diante desse fato, os agentes orientaram que “falasse como homem”, ou seja, que os subornasse,

v. ‘ok, vamos falar como homens... tens algum [dinheiro] para cigarros?’ pergunta o agente-chefe de ronda, esfregando o polegar no indicador. (p. 40)

O único dinheiro, no entanto, que o jovem trazia era uma nota de 200 meticais⁵, que a sua tia o deu para ajudar em algumas despesas, que para a sua pacata família representava muito, uma vez que em inúmeras situações passaram dias sem tomar refeições “ainda que pouco, a nota de 200 servirá muito, na manhã seguinte. Há dias que aquelas bocas não comiam” (p. 37).

Decorrente da situação e assumindo a importância do dinheiro que era portador, *parafino* omitiu que trazia o valor, preferindo ser caceteado e passar uma noite na cela a entregar os míseros meticais, que serviriam como sustento dos irmãos, no dia seguinte.

O retrato que consta desta narrativa representa ações, que em tempo não muito distante do atual, configurou-se como uma prática recorrente nas ruas e becos dos grandes centros urbanos das províncias moçambicanas, em que o simples fato de não trazer a documentação

⁵ Metical (MT) é o nome da moeda em uso em Moçambique. No período colonial se usou o ‘Escudo’.

individual, o bilhete de identidade (BI), era motivo para passar por alguns momentos de desconforto físico e emocional, tal como aconteceu com parafino:

- vi. ... então terás de levar chambocos!’, diz o agente-chefe de ronda ‘ deita-te...’, ordena o segundo policial. ‘não!’, corta o terceiro, ‘nada de chambocos. Vamos levá-lo para o xadrez...’ sorri, vamos ensiná-lo a não andar fora de hora’ (p. 40).

No que diz respeito ao desemprego e a desconsideração de uma profissão humilde, pode-se evidenciar em *um maluco secreto* e *o cobrador*. No primeiro caso retrata caso de um jovem licenciado formado em Filosofia, que dentre tantas coisas se depara com o problema da falta de emprego, para o a indignação e desespero da sua mãe:

- vii. ‘eu disse-te que o curso de filosofia não prestava. Não possui utilidade, já vês, o infeliz está formado mas não há emprego’, replicava a mãe (p. 112)

A falta de emprego para pessoas com formação e não só é uma realidade cada vez mais presente na vida dos moçambicanos, com índices assustadores de desemprego. Portanto, a figura de desempregado representada pelo personagem *buda* alude uma situação que apresenta um problema social sem fim a vista.

Em *o cobrador*, o título do quarto conto, temos a narração de ações que se circunscreve aos acontecimentos que se materializam num ônibus em movimento, com um cobrador, no seu primeiro dia de trabalho. Neste texto, temos uma história em que o cobrador apresenta as emoções por si vividas no seu dia inaugural na profissão. Ademais, traz as reações dos passageiros diante do seu emprego, patentes nos seus semblantes e nas suas ações, bem como as interações entre estes. Portanto, sobressai que a dimensão cronotópica vai moldando as ações das personagens, ponderando que esta “configura uma determinada ação humana e dela se manifestam intuições, concepções, sentimentos, formas diversificadas de ver e estar em uma dada esfera social ou ver e estar em outras, por outras, nas relações possíveis estabelecidas entre esferas sociais” (GUILA, 2014, p. 97).

Quanto à religiosidade e propensão para fazer o mal, destaca-se em *o irmão de Jesus* e em *onde estão as pessoas que fugiram das nossas vidas*. Nos dois contos emergem questões relacionadas à crença e descrença de figuras divinas. Por um lado, a divindade é representada pelo *irmão de Jesus*, que veio a terra disseminar a palavra de Deus, mas que reunia concórdia e discórdia, por parte dos que o escutavam e, por outro lado, a divindade é representada por Deus, que interage via telefone com *beno*, personagem que se encontrava desgastada com a perda de um dos seus entes queridos. O personagem faz uma série de questionamentos, que demonstram descrença e que irritam a Deus:

‘por quê, todo-poderoso, por que nos levas daqui?’
(...) senhor, não tiraste tu o fardo da morte sobre Lázaro?
Silêncio. O eterno todo-poderoso não replicou. Beno pensou até que a chamada tivesse caído (assim como acontecem nas redes de telefones daqui do chão, no céu não devia ser diferente), mas o resfolegar do criador mantivera-se, grávido, cheio de vontade de ouvir as suas blasfêmias. (p. 83).

Olhando para os fatos arrolados fica evidente que cada sociedade tem as suas formas de encarar as diversas situações que vão acontecendo no seio social. Reiterar que as formas de ser, estar e pensar são atitudes que vão sendo constituídas socialmente, nas interações sociais do dia a dia, posto que estas são grupais. Nesse enfoque, cada grupo social terá suas convicções, crenças, valores a luz das relações dialógicas que se vão estabelecendo entre os elementos do grupo.

No que tange à decadência da vida a dois verifica-se no conto que “empresta” o seu título à obra *A invenção do cemitério*. Trata-se de um conto, que tem como protagonistas *jesuína e quinzédias*. Um casal que levava uma vida incomum, posto que eles, praticamente, não se falavam. A mulher não dava a mínima para o marido, importando-se apenas com o tricô, até que certo dia ela perde a vida. O marido, ponderando que ela não interagira com os familiares, muito menos com os vizinhos, decide sepulta-la na mata próxima, que mais tarde virou local de sepultura de mais pessoas.

A situação trágica que é narrada no conto mencionado constituiu um exemplo prático das consequências que se verificam quando não se segue as normas de vivência em sociedade. É um texto que traz um grande ensinamento, evidenciando o que não deve ser feito nas relações entre os membros de uma família, em particular, e de uma comunidade, em geral.

No que diz respeito às consequências da guerra estão mais evidentes no conto *Setenta vezes sete ou uma história para outro dia*. O conto traz evidências dos contornos de confrontos de exércitos, típico entre beligerantes num combate e as sequelas advindas desta, tal é o caso de mortes de ambas as partes em conflito e as dificuldades de socialização dos envolvidos, quando esta acaba.

A realidade contada no texto alude uma realidade com a qual muitos moçambicanos conviveram, trazendo a memória várias consequências nefastas. Ao fazer abordagem dos fatos que resultam de uma situação em que temos um caso de conflito nos põe a refletir sobre esta e nos chama a razão para não se compactuar com esta realidade cruel, que só traz luto e dor no seio das famílias.

Palavras finais

Tomando em atenção à abordagem que é apresentada em todos os contos ressalta que nestes não temos a abordagem do negro como tema, tratado como uma coisa examinada, sendo por vezes considerando como exótico, até mesmo de qualquer modo, como nefasto a coesão social, bem como uma presença da realidade social que chama atenção, mas sim negro vida que é “algo que não se deixa imobilizar; é despistador, protético, multiforme, do qual, na verdade, não se pode dar versão definitiva, pois é hoje o que não era ontem e será amanhã o que não é hoje.” (RAMOS, 1995, p. 2015).

Fica claro que na obra *a invenção do cemitério* no seu todo temos a alusão a um negro que tem uma trajetória de vida, que pode ser constatado com a presença de textos que fazem referência a várias ações da vida deste, nomeadamente guerra para a conquista da independência política, superação dos obstáculos após um país liberto, bem como aspetos que tem a ver com o quotidiano, nos dias que correm.

Evidentemente trata-se de um negro que não se deixa imobilizar, que se constitui a cada dia, se olharmos que o negro sempre vai atrás do que acredita, podemos encontrar isto representado no conto *de onde vem a alma das coisas*, em que movido pela crença de as coisas terem alma, os intervenientes saem em busca de um tronco que tenha alma, que dê opinião do que pode ser feito de si, satisfazendo, deste modo, as suas intenções, produzir uma escultura.

Além do exposto anteriormente, os textos fazem referência a várias situações em que o negro não verga mediante as dificuldades, que pode ser encontrado também no conto *uma noite na cela*, em que o protagonista, *parafino*, mesmo instigado a praticar o suborno, sendo caceteado, não corroborou com tal situação. Ademais, verifica-se que o negro é de ação, que luta contra as injustiças sociais, fato constatável no conto *a greve*, em que o negro se manifesta contra a subida dos preços do *chapa*⁶, mesmo correndo risco de vida.

A bravura para lidar com as dificuldades pode ser encontrada em vários contos que dão corpo a obra em questão. Não mais importante, mas há que ressaltar a superação vivida por *sebastião*, em *reza as tuas orações todos os dias*, se tomarmos em atenção que é preso, em plena casa dos pais e diante destes, pela polícia popular, indiciado de consumo ilícito de *soruma* (maconha), para a consternação geral da família. Após a prisão, ele seguiu para cadeia central e, posteriormente, para o campo de reeducação em Lichinga⁷, onde permanecera por anos, sem dar notícias aos seus parentes, tendo o feito por meio de uma carta, transpostos sete anos. Na sequência, este consegue fugir do campo de reeducação para casa de sua família para alegria e tristeza destes. Alegria pelo retorno do filho e irmão a casa e tristeza pela morte logo imediata deste, vítima de tuberculose.

⁶ Termo vulgarmente usado em Moçambique para referir-se aos transportes semicolectivos de passageiros (van).

⁷ Cidade capital da Província do Niassa, Norte de Moçambique.

A trajetória de *Sebastião* simboliza um momento marcante na nação moçambicana, em que muitas famílias foram separadas dos seus entes queridos, sobretudo jovens, que se encontravam desempregados ou encontrados nas ruas das cidades e vilas do país pela polícia popular sem um documento de identificação, sob pretexto de serem reeducados, nos campos de reeducação, no âmbito da operação produção. No entanto, há que ressaltar que os campos em referência eram locais distantes e inacessíveis, vigiados constantemente por guardas militares. (BEZERRA; SOUZA; TEIXEIRA, 2018). Assim sendo, fugir do local era uma tarefa difícil, se não impossível. A fuga perpetrada por Sebastião representa uma superação das adversidades e a persistência para ultrapassar os obstáculos imposta pelas circunstâncias da vida.

Na obra *a invenção do cemitério*, o autor com recurso a uma linguagem acessível e, em algumas vezes, com recurso a um vocabulário da linguagem cuidada, sobretudo enriquecedora, e com recurso a uma linguagem metafórica, envolve-nos numa realidade de múltiplos enfrentamentos quotidianos, que representam a vida de um povo, que não desarma diante das adversidades da sua curta existência como país independente.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BEZERRA, R. A.; SOUZA, F. Z. D. de; TEIXEIRA, J. B. Campos de reeducação em Moçambique: a ficcionalização da história em campo de trânsito. **Mulemba**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 18, p. 138-150, 2018.

GIMENO, J. S. **Educar e conviver na cultura global**: as exigências da cidadania. Porto Alegre: Artmed, 2002.

GUILA, E. M. R. **A docência de Língua Portuguesa**: domínios da atividade profissional no movimento dialógico entre a linguagem e o trabalho. 2014. 157p. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências de Educação, Florianópolis, 2014.

LOPES, P. P. **A invenção do cemitério**. São Paulo: Desconcertos Editora, 2019.

RAMOS, A. G. A patologia social do “branco” brasileiro. In: _____. (Org.). **Introdução crítica à sociologia brasileira**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1995.

SARAIVA, A. S. & LOPES, Ó. **História da Literatura Portuguesa**. Porto: Porto Ed., 1989.

Recebido em: 10/03/2019

Aprovado em: 16/04/2019